



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

## **ENTRE HISTÓRIA E ABANDONO: O CASO DO EDIFÍCIO PAU DO MEIO NA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE.**

**Leticia Barbosa Bomfim**

Graduanda em arquitetura e urbanismo da UFCG,

lebomfim0@gmail.com

**Paula Emanuelle Silva Pequeno**

Graduanda em arquitetura e urbanismo da UFCG,

paulapequeno13@hotmail.com

### **INTRODUÇÃO**

A Feira Central de Campina Grande, Patrimônio Cultural do Brasil, caracteriza-se pelo seu tamanho, relevância e diversidade, em que seus 75 mil m<sup>2</sup> dão base à expressões culturais e relações sociais que se mantêm desde a sua fundação (IPHAN, 2017). A Feira das feiras, como também é conhecida, é um dos principais centros de comércio e cultura popular do Planalto da Borborema é um lugar de referência, criação e de identidade da cultura nordestina com seus personagens, cheiros e cores (IPHAN, 2017).

Depois de ter mudado de local diversas vezes depois da sua criação, em 1864 a feira foi deslocada para a Rua do Seridó, atual Maciel Pinheiro, em decorrência da construção do “Mercado Novo” pelo comerciante Alexandrino Cavalcante de Albuquerque, onde permaneceu até o ano de 1941(COSTA, 2003). Em 1939 foi iniciada a construção do novo mercado no bairro das Piabas, atual Largo da Feira, pelo prefeito Bento Figueiredo e em agosto de 1941, o então prefeito Vergniaud Wanderley transferiu definitivamente a feira para o inacabado mercado público do bairro das Piabas (COSTA, 2003). A Feira de Campina Grande foi registrada como Patrimônio Cultural do Brasil em setembro de 2017, onde o bem imaterial foi inscrito no Livro de Registros dos Lugares pelo IPHAN após dez





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

anos do pedido formal de reconhecimento feito pela prefeitura juntamente com feirantes e fregueses.

O edifício Pau do Meio, objeto do presente estudo, está localizado no conhecido largo da feira, ao lado do Mercado Central, não se sabe com precisão o ano de sua construção, mas foi construído no final da década de 30 juntamente com outros edifícios por ocasião da mudança do Mercado Central da rua Maciel Pinheiro para o atual local. Criado para competir com o Cassino Eldorado, exemplo de ostentação e riqueza na época, o Pau do Meio era frequentado pela população mais pobre e lá funcionava o Cabaré da Rosa Vermelha. O local se destacava por ser a única construção a ocupar o pátio onde a feira de verduras funcionava, e era facilmente reconhecido por ser a edificação mais alta no local. Atualmente a obra se encontra em estado de abandono tanto por parte do proprietário, quanto pelos órgãos públicos, deixando claro a indiferença no que diz respeito à conservação dos edifícios históricos da Feira Central e da cidade.

A Feira Central de Campina Grande é tombada pelo seu patrimônio imaterial, mas é imprescindível preservar o local físico para que assim haja a verdadeira continuidade de suas tradições culturais. Desse modo, o presente artigo pauta-se em realizar o levantamento no campo legislativo, histórico e físico para o edifício Pau do Meio, e através do estudo das suas patologias, construir a anamnese para o atual estado da obra, servindo para fornecer estudos que ajudem na preservação da edificação.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Quanto à metodologia utilizou-se do método qualitativo tendo como base o referencial teórico de Ribeiro (2016) e Tinoco (2009), fazendo-se uso de métodos diretos e indiretos, realizando o levantamento histórico, legislativo e projetual da edificação. Pesquisas em bases de dados históricos, como o site Retalhos Históricos de Campina Grande, acesso ao material do arquivo municipal da cidade, dados e materiais disponibilizados pela Secretaria de Planejamento do município, constituíram-se como material de apoio para o levantamento de dados sobre a edificação. O redesenho do edifício





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

também constituiu como meio essencial para resgate da memória da edificação (Ribeiro,2016), no entanto a ausência desses materiais dificultou essa etapa, sendo os redesenhos realizados feitos com base em um projeto básico de intervenção proposto pela SEPLAN (2013) e pelas fotografias e análises em *locus*, o que contribuiu positivamente para a execução do trabalho.

LEGISLAÇÃO	OBJETO HISTÓRICO	OBJETO FÍSICO	ANAMNÉSE
MUNICIPAL	CONTEXTO HISTÓRICO E ARTÍSTICO	LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO	VISTORIA
ESTADUAL	HISTÓRIA DA EDIFICAÇÃO	ELEMENTOS ARTÍSTICOS	FICHA DE DANOS
FEDERAL	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ANAMNÉSE	MAPA DE DANOS

Tabela 1: Método de estudo do patrimônio edificado

Fonte: Ribeiro (2016). Formatação própria

Para a realização da anamnese da obra utilizou-se de mapas, fichas e tabela de danos, de acordo com a metodologia utilizada por Tinoco (2009), para assim fazer o levantamento detalhado das patologias da edificação. Esse estudo colaborou para a compreensão do atual estado da obra estudada e para a verificação do estado de abandono a qual se encontra hoje, tendo em vista que a maioria dos danos encontrados teriam sido evitados com conservação periódica.

Patologia, no âmbito do patrimônio edificado, corresponde às investigações para o conhecimento das alterações estruturais e funcionais, produzidas por ações endógenas ou exógenas, nos materiais, nas técnicas, nos sistemas e nos componentes construtivos. (Tinoco, 2009, p.4)

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

As análises realizadas se dividiram em etapas, consistindo em estudo legislativo, estudo do objeto histórico, físico e anamnese. Perceber a edificação como objeto histórico faz entender que a complexidade do seu estudo envolve temáticas de gestão e de conservação física, sendo essencial compreender as duas como objetos correlacionados, ambos contribuindo para a preservação. Outro fator que contribui para a não preservação é a falta de reconhecimento da população sobre o seu patrimônio, as visitas em *locus* revelou





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

que muitos feirantes locais desconhecem a edificação, o que dificulta a existência de lutas locais para a permanência do patrimônio edificado.

#### **Análise legislativa**

Esfera Municipal: A Lei Orgânica do Município (Art. 269) estabelece a Feira Central como área de preservação permanente, afirmando que não será permitido atividades que contribuam para a descaracterização do espaço ou que prejudique suas funções essenciais (Campina Grande, 05 de abril de 1990). A Zona de Preservação 1 (1999) abrange somente o conjunto Arte Déco (figura 1) e a Zona Especial de Interesse Cultural (Plano Diretor de Campina Grande, 2006) não atinge toda a feira, apenas a Rua Vila Nova da Rainha, logradouro onde inicia a feira de flores.

Esfera Estadual: O IPHAEP estabeleceu o perímetro do Centro Histórico da cidade de Campina Grande em 2004 (figura 1), mas a Feira Central não se encontra no perímetro estabelecido. Em 2013 foi instituído a poligonal de entorno, mas mesmo assim o polígono da feira não foi inserido na preservação.

Esfera Federal: A Feira Central de Campina Grande é tombada como Patrimônio Cultural do Brasil, recebendo o título em 14 de junho de 2018 pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Ainda na esfera federal está sendo realizado o processo de salvaguarda, que constitui em documentar, investigar, preservar, proteger e revitalizar o Patrimônio em seus diferentes aspectos (IPHAN, 2017).





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

#### LEGISLAÇÃO PATRIMÔNIO CAMPINA GRANDE

- Esfera Federal**
  - Patrimônio Cultural Nacional (2018)
  - Polígono da Feira Central
- Esfera Estadual**
  - Área de preservação do entorno (2013)
  - Área de preservação rigorosa (2004)
  - Polígono do Centro Histórico
- Esfera Municipal**
  - Zona de Preservação 1 (1999)
  - Zona Especial de Interesse Cultural (2006)

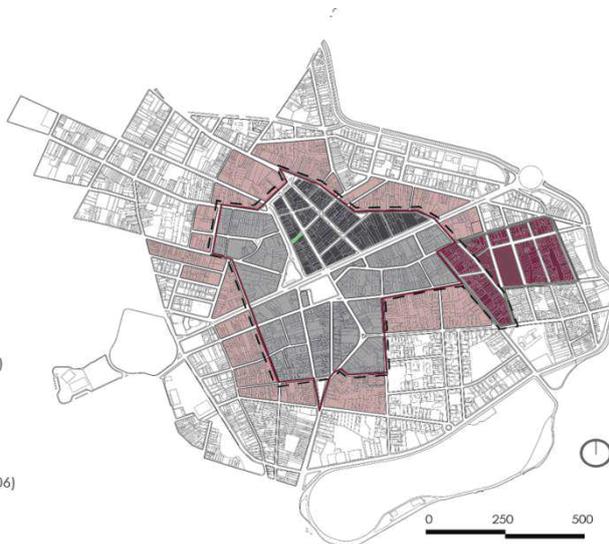


Figura 1: Mapa legislação do patrimônio em Campina Grande

Fonte: Arquivo CAD SEPLAN, 2011. Formatação própria

#### **Análise do objeto histórico**

O objeto foi construído em um contexto de efervescência econômica na cidade de Campina Grande, no final do período chamado de Empório do Ouro Branco. Inúmeras mudanças na área central marcaram a gestão do prefeito Vergniaud Wanderley, obrigando as edificações do centro a modificarem as suas fachadas e proibindo a construção de edificações térreas (QUEIROZ, 2008).

A edificação foi construída, entre o final da década de 30 e início dos anos 40 (figura 2), onde antes abrigava um “pé de pau” no meio do largo, quando o edifício foi finalizado a população ainda conhecia o local popularmente como “Pau do Meio” permanecendo esse nome até os dias hoje. Atualmente a construção encontra-se em abandono, o pavimento inferior serve de depósito e a edificação foi completamente circundada por barracas, o que impede sua visualização. Em conversa com o administrador da Feira Central foi observado que o edifício privado foi invadido. Em visita ao pavimento superior nota-se o completo descuido e os inúmeros problemas presente. O atual dono também comentou que a cobertura de fibrocimento foi colocada recentemente, para fins de diminuir as patologias no pavimento inferior.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA



Figura 2: Redesenho da edificação utilizando o software sketchup

Fonte: Formatação própria (2019)

Os elementos artísticos encontrados no edifício Pau do Meio são pertencentes ao estilo Art Déco. Os usos de adornos retilíneos verticais marcam bem os limites laterais da fachada, saltando da alvenaria e transmitindo uma sensação de textura em relevo (figura 3). As suas esquadrias descrevem bem o estilo ao qual pertencem, compostas pelo uso de madeira e vidro, revestidas na cor branca. As sacadas retangulares se repetem ao longo da fachada e são arrematadas por elementos quadrangulares que caracterizam a edificação. As linhas horizontais demarcam as suas marquises em concreto armado, delimitando os pavimentos da construção. O ladrilho hidráulico em mosaico também é uma característica que marcava os pisos da época, hoje restam poucos destes ladrilhos na edificação, existindo alguns ainda nas sacadas e no hall de entrada do pavimento superior.



Figura 3: Elementos artísticos presentes na edificação





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Fonte: Fotografias por Yuri Farias (2019)

#### Objeto físico e anamnese

Quanto ao estudo do objeto físico iniciou-se com a análise da sua inserção, mapeando os usos no entorno imediato da edificação (figura 4). Como já mencionado a edificação localiza-se na Feira Central, sendo essa caracterizada pela grande atividade no horário comercial e deserto nos períodos de sua desativação. O uso noturno no perímetro da feira é marcado pela prostituição e presença de moradores de ruas, contribuindo para a marginalização do local pelo olhar da sociedade, considerando-o um local inseguro.



Figura 4: Mapa de usos do entorno da edificação

Fonte: Arquivo CAD SEPLAN, 2011. Formatação própria

Com o mapa de danos, ficha de danos e tabela danos foram identificadas as patologias existentes no edifício, são elas: alteração cromática, causada pela umidade e oxidação de materiais metálicos; ataques de insetos xilófagos, desgastando a madeira da cobertura; bolor; crosta negra, pelo acúmulo de sujeiras; desagregação de alvenarias, reboco e revestimentos; descascamento de alvenarias e pinturas; deslocamento de revestimentos, interferência de elementos não pertencentes a construção original, presença de vegetação no piso e paredes externas da edificação; e recalque, com o rebaixamento do piso. Todas essas patologias foram inseridas em fichas individuais, colocando o dano, sintoma, extensão do





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

dano, manifestação, causa, fenômeno e conduta, sendo assim foi observado que a maioria dos danos teriam sido evitados com manutenção periódica e que o período em que a edificação permaneceu sem cobertura contribuiu negativamente para o agravamento do seu estado e gerando novos danos.



Figura 5: Ficha de Danos e Mapa de Danos

Fonte: Formatação própria

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos tratados anteriormente revelam o atual estado da obra e a importância da preservação da edificação como patrimônio arquitetônico e objeto histórico inserido na cultura da feira, patrimônio imaterial. Na esfera legislativa a ausência de instrumentos para tombamento de bens imateriais limita a preservação da feira pelo IPHAEP e PMCG, no entanto, considerar como essencial a preservação do sítio e dos seus elementos materiais deveria ser fatores que ambos os órgãos poderiam rever, colocando assim o perímetro da feira nas Zonas de preservação. Nessa perspectiva, criar diálogos entre as três esferas patrimoniais, instalação de órgãos fiscalizadores do Patrimônio e ações de educação patrimonial para a população local são medidas urgentes para a permanência de edificações que assim como o Pau do Meio fazem parte da história, cultura e marcas de um período.

## REFERÊNCIAS





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

TINOCO, Jorge Eduardo. **Mapa de danos. Recomendações básicas.** Recife: CECI/MDU. 2009

RIBEIRO,R; NOBREGA C. **Projeto e patrimônio: Reflexões e aplicações.** Rio de Janeiro: Rio books, 2016

LICHTENSTEIN, Noberto. **Patologia das construções.** Boletim Técnico N°06, São Paulo. USP, 1986

Decreto Estadual nº25.139/2004. Delimitação do Centro Histórico de Campina Grande. João Pessoa, 2013

IPHAN. Normativas Técnicas para proteção Estadual. IPHAN, Brasília, 2018.

QUEIROZ, M. V. D. *Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950).* Dissertação de mestrado. 2008. USP, São CarlosSP, 2008.

